

A stylized illustration of a person's profile in silhouette, facing right. The person has curly hair. The background is a light teal color with a grid pattern representing window panes. The top of the image features a semi-circular arch with a radial pattern, also in light teal. The overall design is minimalist and graphic.

ZERO

DISCRIMINAÇÃO:

contos sobre histórias de vidas
e as epidemias de hiv

JULIA DANTAS
ilustrações Pablito Aguiar

ZERO
DISCRIMINAÇÃO:
contos sobre HIV e AIDS

JULIA DANTAS
ilustrações Pablito Aguiar

Conselho Editorial

Gregório Durló Grisa	Marcus André Kurtz Almança
Aline Terra Silveira	Daniela Sanfelice
Cimara Valim de Mello	Maurício Polidoro
DeLoize Lorenzet	Paulo Roberto Janissek
Greice da Silva Lorenzetti Andreis	Carine Bueira Loureiro
Máisa Helena Brum	Marina Wöhlke Cyrillo
Maria Cristina Caminha de Castilhos França	Daiane Romanzini
Marília Bonzanini Bossle	Viviane Diehl
Sílvia Schiedeck	João Vitor Gobis Verges

Título

Zero Discriminação: contos sobre histórias de vidas e as epidemias de hiv

Organização

Daniel Canavese
Maurício Polidoro

Autora

Julia Dantas

1ª edição

E-book (2021)

Ilustrador

Pablito Aguiar

Este livro foi avaliado e aprovado por pareceristas ad hoc.

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

D192z Dantas, Julia

Zero discriminação : contos sobre histórias de vidas e as epidemias de hiv [recurso eletrônico] / Julia Dantas ; Pablito Aguiar (Ilustrador); Daniel Canavese, Maurício Polidoro (Organizadores). -- 1.ed.-- Bento Gonçalves, RS : IFRS, 2021.
1 arquivo em PDF (75 p): il.

ISBN 978-65-86734-77-5 (Livro eletrônico)

ISBN 978-65-86734-53-9 (Livro físico)

1. Contos brasileiros. 2. HIV (Vírus). 3. AIDS (Doença) - Pacientes. 4. Estigma (Psicologia social). 5. Discriminação. I. Aguiar, Pablito, ilust. II. Canavese, Daniel, org. III. Polidoro, Maurício, org. IV. Título.

CDU(online): 821.134.3(81)-34

Catalogação na publicação: Aline Terra Silveira – CRB 10/1933

APRESENTAÇÃO

Prof. Dr. Richard Parker

Setembro/2021

Desde o começo da epidemia de HIV e da AIDS, há mais de quatro décadas, nenhum aspecto se mostrou mais difícil de ser enfrentado do que a discriminação. Ao longo do tempo, tem sido possível vencer muitos desafios por meio do desenvolvimento de medicamentos capazes de controlar os piores efeitos do vírus biológico do HIV. No entanto, avançamos pouco em conter o vírus ideológico do estigma e seus efeitos mais negativos na discriminação.

Este belo livro, *Zero Discriminação: Contos sobre Histórias de Vidas e as Epidemias de HIV*, nos oferece uma visão da complexidade desta questão. O livro ilustra as diversas formas de opressão e desigualdade social que se cruzam no estigma e na discriminação quando associados ao HIV – revela a interseccionalidade na vida e na experiência das pessoas infectadas e afetadas pelo HIV.

Os cinco contos escritos pela Julia Dantas (com ilustrações de Pablito Aguiar) fornecem janelas discretas e sensíveis que permitem novas compreensões sobre a vivência do estigma e da discriminação na vida de pessoas tocadas pela epidemia. Mostram a dor e o sofrimento que estas pessoas vivem nos seus cotidianos. Mas mostram também a força da coragem individual, o papel fundamental do apoio social e o poder transformador da solidariedade. Ensinam sobre a importância do diálogo e sobre a potência dos relacionamentos entre as pessoas na construção de novas possibilidades para resiliência e resistência.

Publicado no momento que a epidemia de HIV e AIDS caminha rumo à sua quinta década, este livro de belos contos nos lembra que a luta cotidiana contra o estigma, o preconceito e a intolerância é longa e árdua – e que é somente por meio da compreensão mútua e de laços de solidariedade que podemos construir um mundo com Zero Discriminação.

CONTOS

ABANDONAR HERANÇAS.....	9
MALDITA LIBERDADE.....	23
UMA CARTA INSONE.....	35
REALITY SHOW	45
FANTASMAS.....	59

ABANDONAR HERANÇAS

Estávamos no almoço de família que o meu irmão Lázaro insistia em fazer mesmo sabendo que ele sempre acabava estressado todo domingo. Eu sempre ia, e também a nossa irmã Elaine com a sua filha Dália (o marido da Elaine nunca ia porque dizia que tinha campeonato de sinuca ou de futsal ou de vôlei, eu não sei, porque nunca prestei atenção). Éramos recebidas pelo Lázaro, a esposa Liége e o filho deles, o Betinho, que não morava mais lá, mas ia todo final de semana pegar marmitas e usar a máquina de lavar. Perdoem, eu sei, é muita gente pra decorar os nomes, mas eu vou explicando enquanto conto a história, confiem em mim.

No meio da refeição, o Betinho pediu a atenção de todos e contou pra família que era gay, e o Lázaro teve um treco. O Lázaro não tinha parado de comer pra ouvir o filho, e aí ele engasgou num naco de mandioca e engatou um ataque de tosse. Eu comecei a rir, mas

rir mesmo, de gargalhar até saírem lágrimas dos olhos, e eu nem sabia se eu estava rindo da reação do Lázaro, se estava rindo do jeito teatral do Betinho de contar a novidade – todo sério e pimpão declarando “estamos no século 21, os gays não voltam mais para o armário, e nem eu”, sendo que o Betinho morava numa quitinete de dezessete metros quadrados e nem tinha armário, pendurando as roupas dele numa arara que eu mesma tinha dado de presente e ele não sabia que eu tinha ganhado de brinde no shopping – ou se eu estava rindo porque, de todas as coisas, era justo uma mandioca engasgada na garganta do Lázaro.



Como de praxe, o Lázaro quis me criticar antes de sequer olhar pro filho. “Eu não acredito que você tá rindo de uma coisa dessas, Marília” e pi pi pi, e blá blá blá, e eu enchi minha taça de vinho branco, fiquei de pé e disse, tentando falar num tom de discurso à altura da seriedade do meu sobrinho:

– Betinho, vocês jovens são uma parada. Na minha época, a gente só não contava nada pra ninguém, e os nossos pais se fingiam de bobos. Eu não sei por que vocês querem complicar esse sistema impecável com essa novidade de ser honesto, mas eu faço um brinde à tua escolha.

Ele fechou a cara.

– Não é uma escolha, tia. A gente nasce gay.

Meu deus, os jovens são uns chatos.

– Eu sei disso, Betinho. Ao contrário do teu pai, eu não fiquei no século passado. Eu me referi à tua escolha de sair do armário, e não de ser gay. Eu não sou ignorante, Betinho, me poupe.

– Desculpe, tia.

A essa altura o Lázaro estava derretendo na cadeira, meio pálido e com a testa suada, segurando um garfo pro alto, talvez cogitando qual de nós assassinar antes. A Liége não sabia se ajudava o marido, ali passando mal depois de ter cuspidado a mandioca – o que me deu um novo acesso de riso –, ou se conversava com o filho, que já tinha voltado a comer a salada de batata (sim, eu lamentei que não fosse a linguiça, porque teria sido mais engraçado contar pra vocês que o Betinho estava comendo linguiça, mas estou me atendo aos fatos, e era salada de batata). A Elaine tinha começado a rezar, num rosário que eu nem sei de onde ela tirou, porque a Elaine não entrava numa igreja desde o próprio batizado, mas estava ali cheia dos pais-nossos e das aves-marias. A Dália – que, se vocês já esqueceram, é a filha da Elaine e portanto minha outra sobrinha – tinha colocado os fones de ouvido e dito que não estava com energia pra lidar com todo aquele drama. Eu tenho cinquenta e dois anos, mas senti certa inveja da adolescência da Dália, porque eu também tive vontade de colocar uns fones de ouvido e voltar a tomar meu vinho.



A Liége começou a levar o Lázaro pra dentro dizendo “meu bem, descansa um pouco no quarto”, e depois ela voltou calma e linda – a Liége era a mais velha da mesa só que tinha cara de miss Brasil –, se sentou de volta no lugar dela e disse:

– Meu filho, o que importa é você ser feliz – e perguntou se a gente devia requestrar a mandioca que já tinha esfriado.

Foi só isso que ela disse, e era por isso que eu adorava a Liége e não entendia o que ela tinha enxergado no meu irmão. A Elaine ficou mais um tempo na ave-maria até se dar conta de que ninguém estava dando bola pra ela. Então ela parou, olhou um pouco pra cada um de nós, disse que Deus escreve certo por linhas tortas, que somos todos filhos de Deus, que o Papa tinha autorizado os gays – eu não sabia que os gays precisavam de autorização, mas vá lá –, e colocou uma mão sobre o ombro do Betinho e falou “que Deus te abençoe”, e aí também ela voltou a comer. O meu irmão foi o único que despirocou, e eu sabia o porquê, mas não queria ter nada a ver com aquilo.

A Liége me interrompeu quando eu já estava colocando o casaco pra ir embora.

– Você vai ter que falar com ele.

Olhei rapidinho pra Dália, na esperança de pegar emprestados os fones de ouvido dela e sair correndo dali, mas não tinha como escapar.

– Tá bem, Liége, mas precisa ser agora?

Ela fez que sim com a cabeça.

– Eu gostaria que ele falasse comigo, Marília, mas, quando o assunto são esses traumas do passado, vocês são impossíveis, parecem uns tatus-bolas fechados nos cascos.

– Vocês, vírgula! – gritei já sendo conduzida por ela corredor

adentro – Eu superei todos esses traumas.

Ela me dava tapinhas nas costas enquanto dizia:

– Claro, meu bem, claro que você superou.

O Lázaro estava sentado na poltrona no canto do quarto. Vi que havia uma pilha de roupas emboladas sobre a cama, certamente recém-removidas da poltrona, e me senti um pouco mais tranquila por ver que o meu irmão era uma pessoa normal como qualquer um de nós que mantém, no quarto, o monstro-de-roupas-sobre-a-cadeira-do-canto. Ele agora me olhou triste e não mais indignado.



– As suas risadas, Marília, eu não sei como você pode ver graça em tudo. Eu me sentei na cama, em frente a ele, ao lado do desmoronado monstro-de-roupas.

– Você não tem nada pra lamentar, Lázaro. Deixa seu filho ser quem ele é. Ele só é gay, não é um estelionatário.

– Como deixar? Se foi isso que matou o nosso pai.

– O nosso pai era um estelionatário? – fiz uma cara de espanto.

Ele nem se mexeu.

– Desculpe, Lázaro. Mas a gente nem sabe como foi com o pai. A gente só

sabe que ele teve hiv, mas milhares de pessoas naquela época tiveram hiv.

– Inclusive aquele diretorzinho que trouxeram da matriz.

– E duas secretárias, e aquela moça que fazia bolo, e o estagiário de vendas. A gente nunca vai saber, Lázaro. O pai levou esse segredo pro túmulo. Naquela época era tanto preconceito que não importava o que tivesse acontecido ia ser malvisto. Talvez ele tenha tido um caso com um homem, uma mulher, vários, talvez ele tenha ficado curioso uma noite só, talvez tenha encontrado seu verdadeiro amor. Fosse o que fosse, tudo era errado, estigmatizado e excluído. Ter hiv nos anos oitenta era que nem ter lepra na época de Jesus Cristo, só que sem um barbudo de chinelas pra pregar amor. Bom, não sei se hoje muita coisa mudou, mas já passou da hora.

Ele olhou na direção da janela. Ficamos um tempinho em silêncio. A luz já começava a mudar lá fora, devia ser um fim de tarde bonito.

– Eu não posso perder o meu filho pra mesma doença que levou meu pai.



– São outros tempos, Lázaro. E o Betinho é tão diferente do papai. O Betinho é livre, inteligente, responsável. Corajoso. Olha o que ele fez hoje no almoço. O pai não conseguia nem conversar com a gente. Acho que nem teria sabido como, o pai foi um homem do seu tempo.

– Eu senti tanta raiva dele quando descobri. Nunca entendi por

que ele não se divorciou.

– Tá fazendo cursinho pra juiz divino, Lázaro? Querendo julgar até quem já morreu? Até parece que ia ter divórcio na nossa família. Tu não lembra o que aconteceu com a tia Virgínia?

– Que tia Virgínia?

– Viu? Tu não lembra porque a tia Virgínia se divorciou e nunca mais pôde ver a gente, a tia Virgínia teve os bens confiscados, depois teve os lábios costurados, depois foi banida do país e teve que ir de joelhos daqui até a Guatemala como punição, e ainda cantando Aleluia em ré menor.

– Marília.

– Desculpe, eu não me seguro. A tia Virgínia morreu de derrame quando tu tinha cinco anos. Mas ela tinha sido mesmo desquitada e parou de falar, então era como se tivessem costurado a boca dela de verdade.

O Lázaro ficou me olhando ainda desconfiado, mas viu que dessa vez era sério.

– Como é que nunca me contaram?

– Vergonha. Falar da tia Virgínia era que nem falar do hiv do pai, um tabu. Qualquer coisa que fugisse minimamente dos padrões era como uma desonra. – Olhei de novo pra janela, o céu tinha ficado mais vermelho. – A vergonha é a maior herança de uma família.

– Eu não quero que meu filho sinta vergonha. Mas também não quero que ele se arrisque.

– Ai, Lázaro, que palavra ultrapassada. Risco não tem nada a ver com ser gay ou hétero. Hoje em dia a gente fala em vulnerabilidades, repete comigo.

– Eu sei. Eu sei. Mas ainda é uma doença mais de gays, não é?

– Tu às vezes soa como um padre da inquisição, como se alguém no planeta ainda achasse que aids é o câncer gay. Te atualiza. O hiv tá entre velhos, jovens, crianças, mulheres, pessoas não-binárias, homens como tu.



– Como é que tu sabe tudo isso?

– Preciso te contar uma coisa, Lázaro. Eu comprei o Google.

Ele suspirou e desviou o rosto. Ficou olhando pros próprios sapatos. Eu insisti:

– É sério. Aí também aprendi que a maior questão hoje em dia nem é testar positivo, mas ter acesso ao tratamento. E aprendi que aids é uma doença que nem deveria existir mais, porque ela só aparece quando o hiv não é tratado, e, nos últimos dez anos, enquanto as mortes por aids aumentaram na população negra, elas reduziram na população branca. Retrato do Brasil, né?

– Como foi que tu te transformou nessa especialista?

– Ah, sabe como é a espiral da internet. Depois eu cliquei num link errado e também aprendi que os chimpanzés fazem fofoca, que

o beija-flor insere a língua numa flor dezessete vezes por segundo, e que homens de meia-idade chamados Lázaro têm mais predisposição a infartar pelo estresse de fiscalizar a cama alheia. Tem que cuidar desse coraçãozinho. E deixar de ser preguiçoso e usar o Google de vez em quando. Eu te empresto.

– Para, Marília. – Agora ele olhou pro céu. – Tu já sabia que ele é gay?

– Olha, pra começar, a mochila dele é um arco-íris.

Viver os anos oitenta numa cidade interiorana era um pouco como viver nos anos cinquenta: os casamentos eram eternos, as mulheres da nossa classe social eram donas de casa, os subversivos da cidade ainda eram hippies cabeludos e não punks de coturnos. Enquanto revoluções corriam em outros lugares do mundo, lá a gente ainda achava que os gays estavam possuídos pelo diabo, que as lésbicas só não tinham desencalhado, que Roberta Close era a única mulher trans do Brasil e que não existia racismo no país. Pensando agora, era como viver numa realidade paralela, mas talvez todos os brasileiros tenham vivido uma realidade paralela enquanto não acabava a ditadura. Nesse cenário, a aids era coisa de televisão. Cantores, escritores, atletas morriam de aids em frente às câmeras, e nós em casa achávamos que aquilo era uma tragédia distante.

Quando o pai ficou doente, ninguém nunca deu nome ao que ele tinha. Eu só descobri já adulta, quando me deparei com a certidão de óbito dele tentando resolver as burocracias do jazigo da família para enterrar a nossa mãe. Ela tinha vivido quinze anos mais que ele. Mas foram quinze anos que nem pareceram vida, pareciam só uma contínua desistência.

Enquanto eu ainda morava com a mãe, olhava praquele rosto afun-

dado e tentava lembrar do som da risada dela. Eu achava que tinha ouvido alguma vez, mas não lembrava. Talvez antes, antes dos médicos, consultas e internações. Ela não tinha começado a beber naquela época de dúvida; naquela época, ela estava triste, mas ainda não estava se matando aos pouquinhos. O álcool só veio depois do diagnóstico definitivo, porque, ainda que ele não tenha passado o vírus pra ela, passou o estigma e a vergonha, pelo menos naquela cidadezinha. As pessoas ficavam longe da mamãe como se ela fosse a mensageira do mal, a portadora de todas as pragas.

Ela cuidou dele. Visitava no hospital. E, mesmo bebendo todos os dias, ela só acordava tarde nos finais de semana. Sentava na mesa da cozinha segurando a xícara do café preto. Eu ficava junto, mesmo que já tivesse acabado o meu café. “Me lê mais uma daquelas charadas, minha filha”, ela pedia se estivesse de bom humor, apesar de tudo. Eu abria a revistinha que vinha com o botijão de gás. “O que é, o que é, pertence a você, mas as outras pessoas usam mais do que você?” Ela apertava os olhos pensando, assoprava a fumaça do café e, ainda olhando para a xícara, dizia que não sabia. Eu entregava a resposta: “É o seu nome”.

E então ela fazia um barulho esquisito, como uma pequena risadinha que nascia e morria na garganta, e só um dos cantos da boca se abria pros lados, e ela finalmente olhava pra mim: “essa é boa”. A minha mãe não sabia, mas fazia meses que as charadas da revistinha tinham acabado, e eu ficava até tarde da noite inventando novas, porque eu sonhava com o dia em que aquele ruído ia enfim se transformar num sorriso inteiro, numa gargalhada que trouxesse de volta a luz dos olhos dela.

Agora o Lázaro queria saber como é que eu podia ver graça em tudo, e me pergunto como é que alguém sobrevive sem ver graça em tudo. A nossa mãe não sobreviveu.

Eu só perdoei meus pais quando fiz quarenta anos. Tinha passado os trinta investindo na minha própria autodestruição, misturando as mortes dos dois: eu bebia como a minha mãe, todos os dias, e me fechava em mim mesma, afastava meus irmãos, achava que podia viver sozinha. Nem no sexo eu me permitia uma conexão com alguém. Transava de corpo ausente, com diferentes pessoas, sem nunca, nem uma única vez, me preocupar com algum tipo de proteção. Porque eu não queria me proteger de nada, ao contrário: eu queria ser atropelada pela vida. Ou pela morte, tanto fazia. Anos depois, eu aprenderia que o sexo pode ser uma potência vital, mas, naquela época, pelo trauma com meu pai, eu ainda achava que o sexo de alguma forma se relacionava com a morte. Eu também era uma mulher do meu tempo, com os preconceitos do meu tempo.

Aí, no meu aniversário de quarenta anos, o Lázaro me ligou para dar os parabéns, e, no fim da conversa, ele disse quase casualmente: “hoje você ultrapassou a idade do papai”. Naquele ano eu fiz o teste e procurei um terapeuta.

O Betinho me convidou pra almoçar na sexta-feira. Claro que os convites do Betinho eram uma furada, porque sempre eu que pagava a conta, mas ele era meu sobrinho, e, apesar de ser um pé-rapado, eu gostava muito do Betinho. Ele me contou que o Lázaro tinha ido até a casa dele pra conversar. Disse que ele chegou com a maior cara de pai benevolente e entregou pra ele uma sacola de supermercado atrolhada de camisinhas, o que fez o Betinho ter um acesso de riso, o que provavelmente fez o Lázaro enxergar o ridículo de comprar oitenta e quatro pacotes de camisinhas, o que fez com que ele se juntasse ao riso do Betinho e depois dissesse, meio envergonhado, mas divertido, “eu não sei,

meu filho, acho que esqueci que você é um homem e não um coelho”.

Quer dizer que o Lázaro também tem um senso de humor. Fraco, mas tem.

Quer dizer que eles vão ficar bem.



O Betinho ainda me contou que conseguiu explicar coisas que ele imaginava que o Lázaro não fosse nem querer ouvir, mas ele ouviu e até prestou atenção. E o Betinho disse que agradecia as boas intenções, mas que só porque contou ser gay ele não queria agora ser reduzido à sua sexualidade. Que ele preferia continuar falando de cinema e de política com o pai, que se o pai até então nunca tinha se interessado por saber da vida sexual dele não fazia sentido começar agora, e que ele era como todo mundo, que às vezes estava com alguém, às vezes estava na seca, às vezes estava na pista pra negócio e às vezes fechava o parquinho, e eu tenho certeza que o Lázaro não entendeu nem metade disso, mas ele suspirou aliviado

e perguntou se o Betinho já tinha visto o último Homem-Aranha, e tudo voltou ao normal.



Deixei o Betinho no apartamento dele depois do almoço, voltei pra casa e passei a tarde cuidando das plantas. Era mais um entardecer tão bonito que saí de bicicleta pra passear na orla. O sol vinha caindo sobre a água, e o movimento era mais rápido do que eu teria imaginado. Foquei tanto no horizonte que, quando vi, tinha saído da ciclovia e quase atropeliei uma pessoa que, do nada, parou de caminhar no meio do gramado. Me desdobrei pedindo desculpas e, quando consegui me estabilizar de novo na bicicleta, só vi um par de olhos lindos, castanhos e pacientes, e eles me diziam “tá tudo bem, te cuida”. Aquela gentileza me contaminou. Fiz uma janta especial só pra mim. Antes de dormir, como todas as noites, tomei o coquetel três em um. A vergonha é a maior herança de uma família. Mas quem sabe um dia eu aprendo a lição com o Betinho e saio do armário secreto em que eu mesma me meti.

MALDITA LIBERDADE

Quando a minha mãe disse que ia ter que passar uns meses no interior cuidando da minha avó, eu achei que ia viver um sonho: só eu em casa, livre pra fazer o que quisesse a qualquer hora sem dar satisfações. Seriam as melhores férias da vida. Mas, quando ela viajou, me dei conta de que tinha muita coisa que eu não sabia fazer. Passei quase um mês comendo sanduíche e miojo. Depois olhei uns vídeos e aprendi umas receitas, mas também aprendi que não tem graça nenhuma cozinhar pra uma pessoa só.

Não lembro o dia que o Celso mandou a mensagem: “resenha aí hj?”. Eu nem estava muito a fim, mas também não queria mais ficar numa casa vazia; estava começando a entender o que era a solidão, e por isso concordei. Ainda não tinha conseguido conversar com ninguém sobre esse sentimento novo. Era uma mistura de solidão, com um pequeno terror de abandono (e se a minha mãe nunca mais

voltasse?), e com uma boa dose de medo da liberdade – outra coisa que, até então, eu nem sabia que existia. Como é que alguém tem medo da liberdade? Eu tinha, e, naquela época, estava começando a entender que o medo de ser livre é o medo de ser responsável pela própria vida, de não ter mais ninguém pra colocar a culpa pelo que dá errado. Só que, como eu disse, ainda não tinha conversado com meus amigos sobre isso – quando pensei em falar com o Celso, ele estava começando o cursinho pro vestibular, e, quando pensei em falar com a Drica, ela estava ocupada demais com a irmãzinha, e eu não quis incomodar ninguém –, então o que eu sentia ainda era uma grande confusão.



Quando o pessoal foi chegando pra festinha, eu tinha vontade até de dizer pra eles passarem o final de semana inteiro comigo. Acho que eu estava muito sensível. Queria companhia, mas também não queria interagir.

Me recolhi um pouco na cozinha. As pessoas só iam ali pegar bebida. Eu podia ficar olhando todo mundo na sala sem ter que conversar com muita gente. O sofá tinha sido arrastado pra abrir espaço pra uma espécie de pista de dança. Pensei em passar a noite só observando. E

foi quando eu vi aqueles olhos. Escuros, profundos, lentos. Não sei bem o que eu quero dizer com olhos lentos, mas era isso que eles me passavam: um jeito de olhar que se demorava sobre as coisas, e quando se demorou sobre mim, nossa! Senti um arrepio que foi de uma ponta à outra da coluna. Tive até que desviar o rosto, porque era como se alguém tivesse, num passe de mágica, me enxergado por dentro no meu esconderijo na cozinha.



Cheguei junto da Drica, que tinha vindo colocar um pouco de vodca numa lata de energético.

– Quem é ali? – apontei com um movimento de cabeça.

Ela olhou na direção da sala.

– De camiseta vermelha, do lado da mesa?

– Isso.

– Nunca vi. Deve ter vindo com o pessoal da zona leste.

A Drica voltou pra pista, e eu continuei ali, entre a vontade e a falta de coragem. Servi uma dose de vodca pura no meu copo e virei. Depois mais uma, e outra, e acho que eu devia estar perto da quinta dose quando ouvi uma voz às minhas costas.

– Não vai dividir?

Me virei no susto e me deparei frente a frente com os olhos lentos,

ainda mais escuros de perto, ainda mais atravessadores, e eu pensei meu deus, eu vou morrer aqui mesmo. Gaguejei tentando responder, e minha voz não saía, mas pelo menos consegui encher o copo e estender o braço. Minha mão tremia um pouco e só ficou firme quando senti meus dedos serem acariciados. Aquele carinho durou muito mais do que precisava, e eu ali como numa hipnose olhando para as nossas mãos unidas. Até que levantei o rosto e, sem nenhum aviso prévio, já senti o beijo.

Além de olhos fundos, tinha lábios macios, quentes e que, sei lá como, pareciam sorrir ao mesmo tempo que beijavam. Tentei corresponder à altura, e aquele beijo se transformou em muitos, a gente cada vez mais perto, nossas mãos percorrendo a pele e se descobrindo por baixo das roupas. Nem sei contar tudo, foi tão rápido, tão bom, a minha cabeça alucinada de tesão e vodca, tão bom, tão rápido, e quando eu dei por mim a gente estava indo pro corredor. A porta do meu quarto fechada – alguém tinha pensado nisso antes de nós –, e a porta do quarto da minha mãe sempre fechada quando ela não estava, então fomos pro banheiro. Não era meu lugar preferido, mas era o que tinha. A gente foi tirando a roupa quase sem perceber, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo.

– Tu tem camisinha?

– Não trouxe. Mas tu não tem? Essa aqui não é a tua casa?

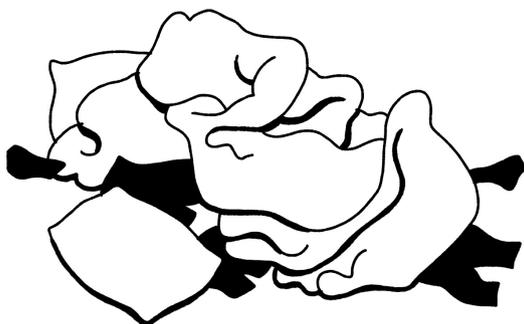
– Não comprei. Achei que não ia ficar com ninguém hoje.

– Putz. A gente devia parar.

– A gente devia parar.

A gente não parou. A gente não conseguiu parar. Eu já estava mergulhando dentro daqueles olhos, em transe com aquele corpo, e sem pensar direito, ou sem pensar em nada, a gente só continuou, e

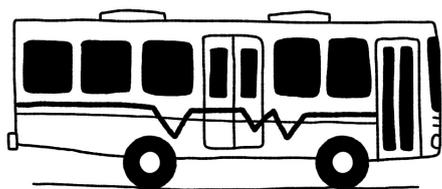
foi tudo tão rápido, mas tão bom, mas tão rápido, que nem deu tempo de mudar de ideia.



Só que depois eu tive todo o tempo do mundo pra me arrepender. Acordei com a cabeça latejando de ressaca e dúvida. A gente tinha mesmo continuado sem camisinha? Sim, eu tinha certeza que sim. A minha boca estava seca e meu corpo, exausto. Por quê? Eu sabia que não devia ter feito, eu vi o filme do Cazuza, minha mãe falava pra ficar longe de aids tanto quanto de drogas. Ninguém tinha falado disso na escola, mas eu tinha ouvido coisas na rua, então eu sabia. Ou achava que sabia.

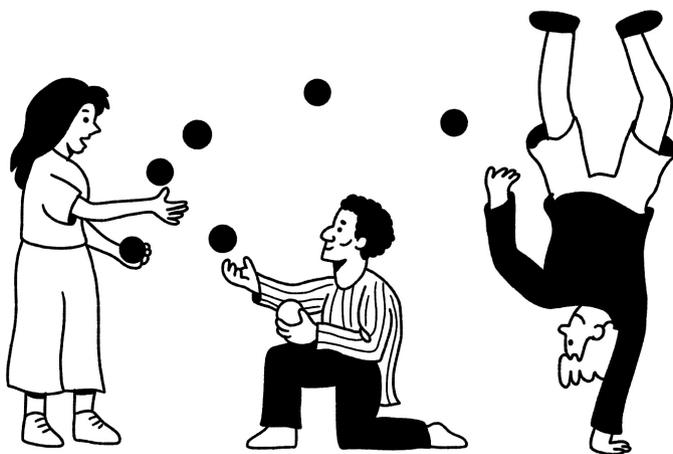
Senti uma náusea que parecia vir da dor de cabeça. Levantei e fui percorrendo a casa: todo mundo já tinha ido embora. Me senti idiota, irresponsável: por uma noite eu talvez tivesse mudado o futuro inteiro. Passei um café, a cozinha estava uma imundície, fiz uma torrada, tomei dois copos d'água, a comida me caiu mal, eu fui sentindo meu estômago se revirar e se contorcer e eu sabia que não era indigestão, era só o meu remorso crescendo, o remorso de saber que, se eu tinha mudado o rumo da minha vida, a culpa era minha e só minha. Maldita liberdade.

Passei a tarde pensando no que fazer. Como eu tava me dando conta de que na verdade eu não sabia tanto quanto eu achava que sabia, recorri à internet. Uma propaganda da farmácia me ofereceu um autoteste oral que dava o resultado em vinte minutos. Maravilha, pensei, tudo resolvido. Preço: sessenta reais. Eu não tinha sessenta reais, então voltei à pesquisa. Procurei os endereços dos postos de saúde da cidade. Se eu ia fazer um teste de hiv, ninguém no bairro podia ficar sabendo. Será que eu precisava mesmo ir? Eu sabia que sim, mas não queria saber. Escolhi o do Centro. Abria no dia seguinte. Até lá, eu podia ou fazer faxina ou me jogar no sofá e me remoer de culpa. Foi o que eu fiz, e a tarde não acabava nunca. Que idiota, que idiotice. Que tarde interminável. A noite é veloz, mas o dia não sabe correr.

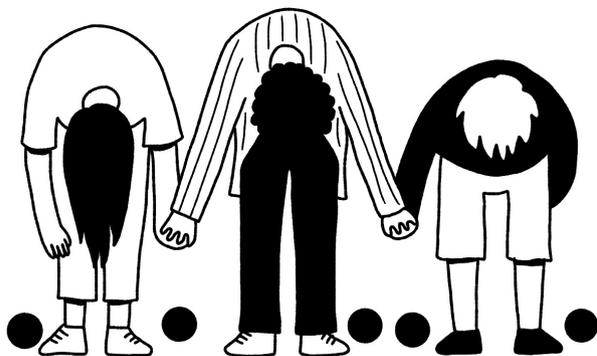


A segunda-feira finalmente chegou, e peguei o ônibus na direção do Centro. Alguns conhecidos na parada, e já comecei a ter medo de que soubessem o que eu estava fazendo. Consegui sentar na janela, o que era ótimo porque eu podia evitar os olhos de todo mundo. O mundo passava lá fora, e eu só conseguia pensar que era jovem demais pra não fazer mais parte dele. A gente já estava chegando no centro, e eu queria chegar logo, ao mesmo tempo

que não queria chegar nunca. Numa esquina movimentada, três malabaristas faziam acrobacias e jogavam laranjas entre eles. Era bonito de olhar, dois meninos e uma menina que faziam parecer tão fácil: dar uma cambalhota pra trás, agarrar as laranjas no ar, se empilhar nos ombros uns dos outros.



Me deu muita vontade de descer do ônibus e me juntar a eles, como se trocando de identidade eu pudesse talvez trocar de destino. A sinaleira estava demorada, e eu tentei gravar os movimentos dos malabaristas, brincando na minha cabeça de acelerar ou reduzir os movimentos deles. Tentava correr as imagens mais rápido, ou então tentava rever em câmera lenta, sonhando com dominar o tempo e fazer aquele dia acabar de uma vez. A noite é veloz, mas o dia não sabe correr.

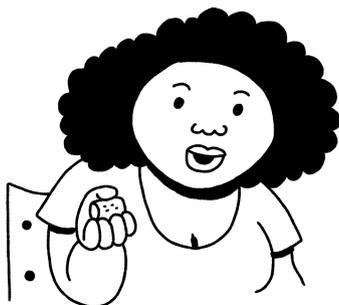


Não consigo explicar, mas assim como parecia que o ônibus não ia chegar nunca, num piscar de olhos estávamos no centro. Caminhei até o posto como quem tivesse envelhecido uns cinco anos no trajeto, e lá me colocaram numa sala de espera que bem poderia se chamar sala de tortura. Ninguém na vida nos ensina a esperar. Talvez devesse ser algo natural, um conhecimento de nascença, mas, quando a gente está prestes a descobrir como vai ser o resto da nossa vida, a espera é uma tarefa impossível. Fechei os olhos. Repassei na memória os movimentos dos malabaristas, primeiro devagar, depois cada vez mais rápido. As laranjas voando de um lado pro outro como pequenos sóis nas mãos de deuses impacientes. Eu queria tanto que o dia passasse rápido, sem vírgulas, sem a demora das horas, um dia que fosse feito só de segundos. Abri os olhos. As pessoas na sala tinham mudado, e eu não tinha mexido um músculo. A noite é veloz, mas o dia não sabe correr.

Dezenas, talvez centenas de pessoas chegaram e saíram da sala de espera, e eu continuava ali. Com fome, sem paciência, eu suava frio e não conseguia fazer a perna parar de balançar. A mulher que estava do meu lado virou pra mim. “Tá tudo bem contigo?”, ela perguntou

de um jeito que me fez lembrar da minha mãe. Pra falar naquele tom doce e preocupado, ela devia ser a mãe de alguém. Quis ser gentil, mas não consegui falar nada: me senti de repente sob um holofote, bem ali onde eu tinha esperança de que ninguém me enxergasse. Então ela abriu um sorriso e puxou um pacotinho de dentro da bolsa:

– Quer uma paçoca?



Nem deu tempo de eu agradecer antes de uma voz ríspida vir lá da porta gritando: “Joana!”. Ela se levantou e se afastou, agora sem nenhum sorriso à mostra. Logo depois ouvi meu nome. Procurei a voz que me chamava e encontrei um rosto sério que me aguardava ao lado da porta do canto. Fui seguindo os passos olhando pra baixo, observando o movimento que o jaleco branco fazia na caminhada.

– Nome? Idade?

Respondi.

E depois não precisei falar mais nada de mim. Eu não sabia se já iam me dar algum resultado, se eu ia ter que voltar outro dia, se ia precisar comprar remédios. De tanto nervosismo, não conseguia nem fazer perguntas, mas tentava prestar atenção no que iam me explicando, e aquilo me acalmava um pouco. Só que eu sentia tanto medo que só

queria sair dali o mais rápido possível.

Que ilusão.

Tiraram meu sangue e me mandaram esperar de novo. O que eu sentia no estômago era tão novo que eu nem sabia se era fome, pavor, culpa, pressa, nervosismo ou desespero. Talvez tudo junto. Eu olhava pra baixo e às vezes apoiava os cotovelos sobre os joelhos, descansando a cabeça nas mãos. Assim também eu ficava menos visível, e sentia um pouco menos de vergonha de estar ali pelo motivo que eu estava ali. Quis chorar, mas não chorei.

Tentava me distrair olhando ao redor, lendo cada plaquinha que apontava flechas pra lá e pra cá. Orientação psicossocial de um lado, profilaxia pós-exposição do outro e, logo mais, um sinal de dispensação de antirretrovirais. Eu não sabia o que nada disso significava, e a ansiedade só crescia. Para qual direção se encaminhava o futuro?

Ouvi meu nome de novo. Outra porta dessa vez.

– Chegou teu resultado.

Respirei fundo.

O tempo é relativo, dizem os cientistas. O sol já estava se pondo quando eu saí do posto e decidi caminhar pela orla. A luz laranja deixava o ar mais espesso, eu andava devagar como se fosse preciso atravessar uma nuvem para chegar ao rio. Parei um segundo sobre a grama. Só o entardecer me acompanhava na minha solidão. E de repente senti um raspão nas costas, quase um empurrão. Tinha sido uma bicicleta. A mulher veio pedindo mil desculpas, morrendo de vergonha. Achei até graça. Aquilo não tinha a menor importância. “Tá tudo bem”, eu disse, e “te cuida”, porque ela parecia um pouco desajeitada. Ela foi embora tranquila, e eu voltei a olhar o rio.

Eu não estava nem mais triste nem mais feliz do que antes, era só

um jeito mais intenso de experimentar o que eu já sentia desde que minha mãe tinha ido embora. Uma sensação física de liberdade, e o medo concreto do que fazer com ela. Estava no meu corpo, na minha mente: a certeza de que cada pessoa é dona da sua vida, mas que o destino é cheio de acasos.



O sol vinha caindo sobre a água, e o movimento era mais rápido do que eu teria imaginado, como se um malabarista tivesse esquecido de agarrar o sol no ar. Ele descia e queimava de vermelho a linha do horizonte. Eu fiquei ali, desejando que aquele instante se esticasse um pouco mais, desejando que o tempo fizesse uma pausa pra eu poder contemplar aquela beleza inteira. Quis chorar, mas não chorei. O sol caiu, e era hora de voltar pra casa. A noite foi veloz, e os dias não podiam parar.

UMA CARTA INSONE

Lorena,

você não me conhece, ou, ao menos, não hoje. Anos atrás, você fez em mim um eletrocardiograma. Hoje de manhã, me pediu o isqueiro para acender seu cigarro. Eu era a mulher alta, de cabelo castanho curto, usando uma blusa verde. Lembra?

Eu tinha ido buscar meus antirretrovirais e estava fumando no pátio do hospital quando você me pediu fogo. Eu vi a cicatriz em forma de girafa no seu pescoço e tive certeza de que era você. Tive vontade de me apresentar, mas a surpresa me pasmou. Você acendeu seu cigarro, me devolveu o isqueiro com um pequeno sorriso e se afastou para sentar com um colega. Enquanto eu te olhava, te ouvi dizer: “deus que me perdoe, mas eu detesto quando aparece um soropositivo”. O meu cigarro terminou de queimar sozinho entre meus dedos, e eu fiquei ali, paralisada de vergonha e choque.

Eu não sei por que você não gosta de pessoas que vivem com hiv, se sente medo, nojo, se acha que nós somos todos uns pervertidos. Não vou mentir: naquela hora, no pátio, senti muita raiva. Pensei nas vezes em que precisei de atendimento e encontrei um médico grosseiro, um enfermeiro de má vontade, um técnico que não quis encostar em mim. Quis correr atrás de você gritando que nem se usa mais a palavra soropositivo. Mas aí eu respirei fundo e lembrei da corrida de cavalos.



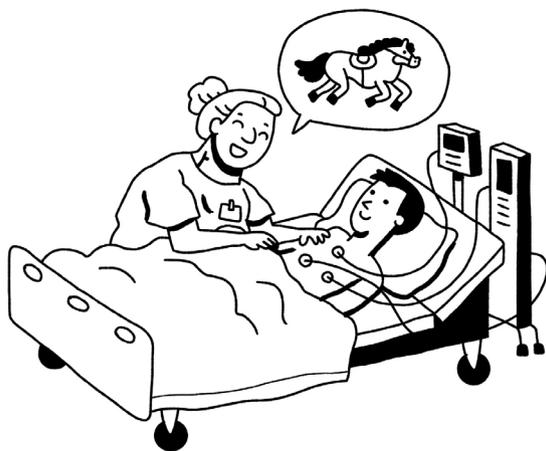
Eu era um menino quando você me atendeu anos atrás. Tinha caído da figueira dos fundos da minha casa e batido a cabeça. Eu não soube dizer se tinha desmaiado em cima da árvore e por isso caído, ou se eu tinha desmaiado depois de bater no chão. Minha mãe me levou ao hospital, nos colocaram numa sala de exames, e eu chorava baixinho. Você se aproximou da gente com o equipamento e o seu sorriso pequeno. Vi no seu pescoço a cicatriz em forma de girafa. Fiquei fascinada e parei

de chorar. Quando você saiu da sala para buscar mais alguma coisa, eu comentei com a minha mãe, mas ela me proibiu de elogiar a sua cicatriz porque a gente não devia falar sobre “os defeitos dos outros”. Eu não tinha achado um defeito, tinha achado incrível.

Você voltou e disse que eu não precisava ter medo do exame. Eu respondi que não estava nem aí pro exame, naquela típica irritação infantil. Num suspiro enfadado, minha mãe pediu desculpas e explicou que eu estava chorando porque tinha sete anos e ainda não sabia ler, e meu irmão tinha me convencido de que a maioria das crianças que não aprendia a ler até os sete anos reprovava no colégio. Enquanto eu tirava a camiseta, minha mãe disse que já tinha me avisado que aquilo era mentira do meu irmão só para me provocar, mas eu teimava em acreditar nele. Então você me encarou e disse: “eu também tenho um irmão mais velho”. E lembro de olhar para você um pouco espantada, porque naquela época eu acreditava que todos os adultos tinham a mesma idade e que os irmãos deixavam de ser mais velhos.

Então você começou a colocar os eletrodos no meu peito contando uma história que pareceu aleatória para o momento, mas era sobre o seu irmão pedindo que fossem ver uma corrida de cavalos. E você disse que não queria, porque sentia pena dos bichos. Mas ele insistiu, e disse alguma coisa sobre como eram bem cuidados os cavalos, te convencendo a ir junto. Você contou que, quando chegaram lá, seu irmão queria fazer apostas. Mais do que isso, ele queria apostar o seu salário. Você recusou, lógico, mas ele disse que tinha estudado todos os cavalos, e tinha analisado as taxas de vitória de cada jóquei, e havia um deles que tinha vencido noventa e oito por cento de todas as corridas em que competiu naquele ano. O seu irmão disse que esse jóquei cavalgava um baio chamado Faísca, e ele ia ganhar a corrida. Noventa e oito por cento é quase uma certeza,

você me explicou, e disse que entregou o dinheiro pro seu irmão. Na hora da corrida, o Faísca ficou na frente o tempo todo, na velocidade de um raio. As patas mal tocavam o chão, a cabeça nunca desalinava, você disse que foi uma das coisas mais bonitas que já viu na vida. O Faísca parecia um animal enviado por deus, mas aí, nos últimos cem metros, o Faísca foi ultrapassado por um tordilho que vinha do lado e que, até então, mal dava para notar que existia. Você contou que perdeu o salário inteiro naquele engano, e então olhou para a minha mãe, olhou para mim, e disse com uma seriedade que os adultos não costumavam usar comigo: “eu paguei caro pra descobrir que os números não sabem nada do futuro, só do passado”. E então piscou um olho. O eletrocardiograma já tinha acabado, e eu tinha decorado cada palavra sua.



Lorena, eu lembrei daquele dia muitas vezes durante a minha transição. Os números me perseguiram e me davam medo. Eu tinha pesquisado tudo. A expectativa de vida das pessoas trans brasileiras é de trinta e

cinco anos; o Brasil é o país que mais mata pessoas trans no mundo; cerca de noventa por cento das mulheres trans e travestis precisam se prostituir para sobreviver; o índice de suicídio entre a população trans pode chegar a quarenta por cento. Não era um clube muito convidativo. Mas então eu me dizia: as estatísticas não enxergam o futuro.

Ainda assim, eu passei de raspão pelas estatísticas. Quando eu fui expulsa de casa (como tantas), quando precisei recorrer à prostituição (como a maioria), quando cedi às ofertas de pagamento em dobro para não usar camisinha (por necessidade), quando no posto de saúde eu recebi o resultado positivo (sozinha), eu fui para a pensão onde eu morava e pesquisei quais remédios eu poderia tomar para me matar. Pareceu tão fácil, eu realmente não imaginava que pudesse ser tão fácil. Eu comprei os remédios, eu escrevi um bilhete para que entregassem à minha família, eu apaguei as luzes.

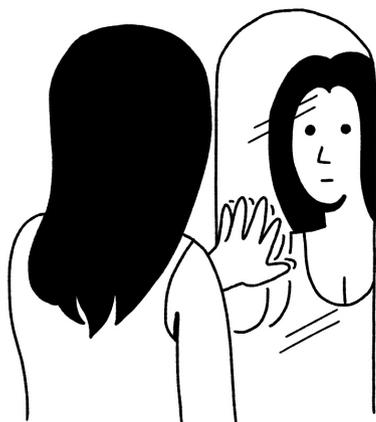
Pensei: não tenho mais nada que valha a pena.

Pensei: as pessoas que eu amo estão melhor sem mim.

Mas pensei: existe um pequeno risco de isso não funcionar e eu acabar toda estragada numa cama de hospital.

Havia um pequeno risco de eu sobreviver. (Você também acha engraçado quando falam que alguém corre risco de vida?) Esse pequeno risco de sobreviver me fez lembrar da sua aposta nos cavalos. Há sempre o pequeno risco de um azarão ganhar a corrida. A vida é toda feita de apostas.

Passaram-se dez anos desde aquela noite em que não tomei os remédios, e eu acredito que cada dia que eu ganhei é um pouco uma homenagem a você. Por isso me doeu tanto escutar aquela frase no pátio do hospital.



Não sou apenas uma mulher trans, sou uma das que continuam vivas, uma das que vivem com hiv, uma das que têm hiv atualmente indetectável, mas também sou única: sou uma mulher que gosta de chapéus, que canta no karaokê, que sabe bater claras em neve, que fuma nos pátios de hospitais e empresta isqueiros. Quero te dizer, Lorena, que hoje sou professora de artes para alunos de Ensino Médio. Eles me adoram. No começo eu tive medo, eu era a primeira a dizer que meu trabalho era apenas ensinar, e que pouco importava quem eu era. Mas ensinar é um ato de amor: logo entendi que faz toda a diferença ser quem eu sou.

Uma vez uma aluna continuou sentada na minha sala depois do fim da aula. Olhando para a mesa, de cabeça baixa, eu vi que ela tentava não chorar. Minha vontade foi de ir embora, eu admito, porque essa menina era francamente a mais chata de todas as minhas turmas. Era o tipo de aluna que não calava a boca um segundo, e, se algum dia um professor te disser que não tem preferidos e desafetos no trabalho, não acredite, porque a gente sempre tem. Olhei para ela. Pensei que a mulher que eu me esforço

para ser não abandonaria aquela menina, e me aproximei devagarinho.

Ela disse que não queria sair para o intervalo porque fazia uma semana que os colegas a estavam chamando de gorda espinhenta. Quando eu tinha a idade dela, ainda não era reconhecida como menina, mas eu reconheço a inadequação. Durante a maior parte da minha vida, me vi desencaixada do mundo. Como eu nunca minto para os meus alunos, eu não disse “você é linda” ou “cada um é bonito do seu jeito”, ou essas coisas que adultos desconcertados dizem para jovens inseguros. Nós conversamos sobre a dureza dos padrões estéticos, eu falei da minha crença de que o corpo não define o nosso valor, e ela concluiu por si própria que a beleza não devia ser uma coisa tão importante assim. Ela tinha uns quinze anos, talvez pudesse ser sua filha.



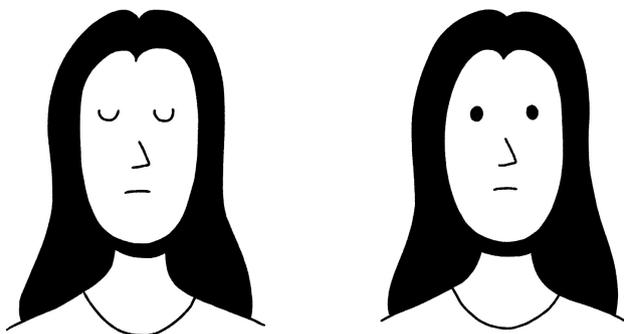
Você tem filhos? Sabe se eles se sentem desencaixados do mundo?

Às vezes dá vontade de desistir quando os pais reclamam da minha presença na escola. Mas, se eu desistir, não será mais um ato de amor. Você deve me entender, porque eu imagino que a enfermagem também seja uma profissão na qual se escolhe doar o melhor de si para os outros,

mesmo quando eles não percebem.

Eu encontrei o meu lugar no mundo, e não me deixo esquecer. Quando algo ruim me acontece, eu respiro e penso: isso é um lembrete de que estou viva. Um pedido que chega errado no delivery, uma multa de carro, um pé na poça d'água, minhas olheiras fundas: estou viva, e é só graças a isso que eu como, que às vezes dirijo mais rápido do que deveria, que caminho distraída, que vou dormir tarde.

Digo a mim mesma: se eu dormi tarde, é porque quis ficar acordada mais tempo; se quis ficar acordada mais tempo, é porque gosto de estar viva – e acordada – e, principalmente, mais tempo. Lamento as olheiras escuras, mas elas afirmam: este é o rosto de uma mulher que escolheu ficar acordada.



Digo a mim mesma: se escuto uma enfermeira dizer que não gosta de ficar perto de pessoas como eu, é porque estou viva, porque essa mesma enfermeira, sem nem saber, me ajudou a permanecer viva.

Depois de dois anos na rua, o meu irmão convenceu minha mãe a me receber de volta. Ela demorou a me aceitar como sou, mas quando me

viu estudando, quando ela viu o que eu pintava, quando viu os quadros na parede, ela disse: “você ainda é a mesma pessoa aí dentro”. Nos meus quadros, passeavam inúmeras girafas.

Lorena, já são onze da noite enquanto escrevo. Então vou te contar só mais uma coisa. Um dia eu li o estudo de um psicólogo americano que diz que apenas dois por cento das pessoas mudam de opinião quando são apresentadas a novos fatos que contradizem suas crenças. Dois por cento é muito pouco, mas, você bem sabe, dois por cento não é zero. Esse é o propósito da carta. Um dia você deu esperança a um menino assustado narrando uma corrida de cavalos. Hoje, uma professora de artes ajuda dezenas de adolescentes todos os anos.

Está tarde. Amanhã vai ser mais um dia de olheiras fundas.

Um grande abraço da mulher que compartilha com você o péssimo hábito do fumo, e uma história.

Simone



REALITY SHOW

Tudo mudou por causa de um programa de tevê. O Luís Marcelo tinha sido deixado aqui em casa pelos pais dele, como sempre acontecia quando eles não sabiam mais o que fazer. O Luís Marcelo não gostava. Acho que nenhum rapazote de vinte anos quer ficar na casa dos avós. Por isso não nos falávamos muito. Ele se entretinha com as coisas dele e eu ficava na lida da casa. Meu filho só ligava no fim do dia para perguntar se o Luís Marcelo estava sob controle.

Manter o Luís Marcelo sob controle tinha sido desde sempre a maior dificuldade (e o maior desejo) dos pais dele. Bebê chorão, criança birrenta, adolescente rebelde, meu neto adentrava a vida adulta depois de duas internações para tratar das drogas e de uma série de tentativas de fuga. Aqui em casa ele ficava retraído, quieto no canto dele. Eu não enxergava o menino endiabrado que o meu filho descrevia, mas, como meu filho mesmo dizia, eu não entendia do mundo de hoje.



No dia em que tudo mudou, o Luís Marcelo estava na frente da tevê e passava a história de uma garota que tinha dado à luz sem nem saber antes que estava grávida. Eu vi um pedacinho quando passei pela sala e acabei ficando de pé atrás dele, sem conseguir despregar o olho. O Luís Marcelo deu uma risada e pegou o celular. Gravou um áudio para alguém que eu não sabia quem era. “Cara, da onde tu tirou esse programa? Não é possível, essas mina não podem ser tão sem noção”. Senti uma leve vertigem e precisei sentar ao lado dele no sofá.

– Comigo também foi assim – eu disse.

O Luís Marcelo me olhou confuso.

– Acho que tu não entendeu, vó. Elas tavam grávida sem perceber, descobriram só na hora do parto.

– Eu entendi, sim.

Ele continuou me olhando. Tinha olhos muito vivos, o Luís Marcelo. Eu nunca tinha notado.

– Queres que eu te conte como foi? – perguntei.

Ele mexeu que sim com a cabeça.

Não era uma época que eu gostava de lembrar, mas reconheci, na menina da televisão, o misto de medo e vergonha que eu senti aos dezessete anos. Criada em família conservadora, tudo que eu gostava de fazer eu precisava fazer escondida. Eu gostava do violoncelo, mas me obrigavam a aprender piano porque uma mulher não podia tocar um instrumento que a fizesse ficar de pernas abertas. Eu gostava de Física, mas me forçaram a fazer o magistério porque as mulheres não atinavam para os números. Eu gostava do Afonso, mas me proibiam de namorar, por isso a gente se encontrava escondido no pátio dos fundos do Clube do Comércio.



Naquela época o Afonso era divertidíssimo. Sagaz, engraçado, todos concordavam que tinha um futuro brilhante. A gente passou quase um ano trocando beijos, e é claro que aquilo foi se desdobrando em algo mais, especialmente depois que o Afonso conseguiu uma cópia da chave para uma salinha do clube que servia de depósito. Ali, entre móveis quebrados, caixas de ferramentas e uniformes manchados,

nosso namoro ficou íntimo.

– Eu não entendia nada de sexo – expliquei ao Luís Marcelo que parecia em iguais medidas constrangido e curioso. – Mas eu sentia vontade.

Naturalmente, achei estranho quando a menstruação parou de vir, mas a primeira coisa que pensei foi que eu tinha ficado doente. Durante meses eu andei nervosa com medo de morrer. Pensei que Deus estava me castigando, e o sangue que não descia ia todo acumular dentro de mim até me envenenar. Quando comecei a sentir as dores, tive certeza de que era a morte. Minhas irmãs começaram a rezar, mas a minha mãe logo entendeu.

– O teu pai nasceu pequenininho – contei para o Luís Marcelo. – As médicas acharam que antes da hora. Parecia mesmo um gurizinho que ainda não tinha ficado pronto. E uma semana depois, sem que ninguém tivesse perguntado a minha opinião ou a do Afonso, a gente estava casado.

O Luís Marcelo até largou o celular enquanto me ouvia. Ele hesitou um tanto antes de dizer alguma coisa.

– Quer dizer que a senhora foi a filha rebelde. E o vô já foi engraçado?
Eu ri.

– Isso faz muito tempo – respondi. – Toda uma vida.

Depois disso o Luís Marcelo começou a me convidar para ver televisão com ele. Às vezes pedia que eu contasse mais da história da família, e ele também foi aos pouquinhos falando sobre ele, sobre o que ele fazia quando sumia de casa.

– É quando eu consigo respirar, vô. Com os meus pais, eu preciso ser uma coisa que eu não sou.

Então ele me olhava de um jeito inocente, e dizia num tom que

era uma pergunta mas também uma afirmação:

– A senhora entende.

A gente passava um bom pedaço da tarde no sofá. Assistíamos à televisão e comentávamos os filmes que eu escolhia e os programas de vida real que ele gostava. “Reality”, ele me repetia quando eu perguntava se a gente ia ver mais um daqueles em que as pessoas fingem que são de verdade.



No fim da tarde, o Afonso chegava e a gente retomava a rotina normal. O Luís Marcelo parava de falar, eu ia preparar a janta. O Afonso sempre tinha uma grosseria para dizer. Se ele não encontrava o controle remoto, eu era uma relaxada. Se a casa estava quente, eu era burra por não ter ligado o ar-condicionado antes de ele chegar. Se a comida demorava, eu não prestava para nada mesmo. Passados uns três meses, o Luís Marcelo começou a me interrogar do jeito desafiador dos jovens. A senhora nunca pensou em se separar? Mas a senhora foi feliz com ele? (eu reparei no uso do verbo no passado).

Mas a senhora vai deixar ele falar assim?

O Afonso não foi sempre desse jeito, era o que eu tentava dizer para o Luís Marcelo. Ele já foi doce, ousado, apaixonado por mim.

Mas a senhora vai deixar ele falar assim?

Só que depois do casamento nossa vida virou outra coisa. Ficamos morando com meus pais, no começo. O Afonso parou de estudar e foi trabalhar com um tio, para que em breve a gente pudesse comprar uma casa própria. Quando nos mudamos, parecia que a gente nem se falava mais.

Mas a senhora vai deixar ele falar_?

O Afonso odiava o trabalho, eu passava o dia inteiro sozinha com o bebê. Sentia falta de conversar com alguém. Sem dar tempo nem para a gente pensar, os anos foram passando. Dois, cinco, dez, quinze, e o bebê já era um menino grande, igualzinho ao Afonso.

Mas a senhora vai deixar ele_?

Os dois foram ficando cada vez mais parecidos. O Afonso amargurando com a idade, e o menino amargurando precocemente. O Afonso deu para beber e ficou mulherengo depois de velho, e o menino também bebia e tinha umas três namoradas por vez. Eu não podia dizer nada, ou os dois se uniam contra mim.

Mas a senhora vai deixar_?

– É complicado, Luís Marcelo, os relacionamentos são complicados. Olha os teus pais. Tu achas que eles querem te sufocar, mas é porque eles te amam.

– Não, vó. Eles me amariam. Se eu fosse diferente.

Eu tinha crescido com esse mesmo verbo no condicional. Meus pais teriam sido gentis comigo se eu tivesse andando na linha. Meu marido me trataria bem se eu me comportasse melhor. Meu filho

me respeitaria se eu fosse mais firme. Meu marido me respeitaria se eu fosse mais doce. Meu filho me amaria se eu fosse mais maternal. Meu marido me amaria se eu fosse mais prestativa.

Coloquei minha mão sobre a mão do Luís Marcelo.

– E tu não queres ser diferente? Isso das drogas, pra quê? Teu pai me diz que tu usas de tudo.

Ele me olhou um pouco enviesado.

– Tudo, não. Quase tudo.

Me comovi.

– Obrigada pela sinceridade com a tua velha avó. Achei que tu ias mentir.

Luís Marcelo deu um sorriso de canto de boca que até então eu não conhecia.

– Não pra ti.

Um ruído na porta anunciou a chegada do Afonso, o que significa que Luís Marcelo se levantou e desapareceu para dentro do quarto. Eu desapareci para dentro da cozinha a tempo de esquentar a janta antes de que Afonso se sentasse no sofá e trocasse o canal da televisão. Como sempre, ele chegou com cheiro de álcool e perfume de mulher. Já fazia anos que eu não perguntava, não me importava mais. Afonso tinha sua vida à parte, e dizia que tinha direito a ela, já que eu tinha roubado a vida dele quando fiquei grávida.

Mas a senhora vai deixar_?

Na minha idade, só quero paz e sossego. O Afonso colocou no telejornal. Jogou os sapatos no meio da sala para que eu recolhesse. Reclamou de sal demais na comida.

– Tu tá distraída. Acha que eu não sei que vocês ficam o dia todo focando que nem duas comadres? Um mais perdido que o outro.

Mas a senhora vai deixar_?

Eu não podia fazer nada.

No dia seguinte, o Luís Marcelo me deu o aparelho celular. Não demorou muito para que eu pegasse o jeito. Depois que ele ajustou o tamanho das letras, era igual a usar a internet do computador. A diferença é que o Afonso não ia ver o que eu fazia, não ia saber nem que eu tinha um celular. A partir daí o Luís Marcelo me enviava artigos sobre uso recreativo de drogas, sobre possibilidades de uso terapêutico, sobre estados alterados da percepção. Eu não gostava nada daquilo, nada mesmo, mas me tranquilizava que ele estudasse antes de se meter nessas coisas.



A essa altura o Luís Marcelo tinha ido morar sozinho. Ninguém previu aquilo. Ele de repente tinha um emprego bom – “webdesign numa fintech”, ele me ensinou a dizer –, tinha alugado um apartamento perto do centro e tinha saído de casa da noite pro dia. O que mais me surpreendeu, porém, foi que ele continuou me visitando. Me visitava até mais do que antes, e continuávamos conversando na frente da televisão.

Precisei de tempo para criar coragem de fazer perguntas. Eu sabia que ele ainda usava as drogas, mas não queria saber de tudo. Nos artigos que ele me enviava, algumas palavras seguravam minha atenção. Autoconhecimento, liberdade, curiosidade: eram palavras que eu lembrava da minha juventude. Muitas outras palavras me assustavam. As overdoses, o tráfico, as agulhas. Nada disso fazia parte do meu vocabulário.

“Até heroína?”, perguntei certa vez por mensagem. A resposta veio num áudio que começava numa risada. “Não, vó, isso é coisa de filme americano”. Mas a internet é como a toca do coelho da Alice, a gente vai sendo levado sem saber aonde. Da heroína voltei para as agulhas, passei pela cocaína e cheguei nos perigos de contaminação. Até ri de mim mesma. Quem diria que eu me tornaria essa senhora de cabelos brancos lendo sobre drogas intravenosas na tela do celular antes do marido chegar em casa? O assunto em si me dava arrepios, mas só de estar vivendo às escondidas uma euforia que eu não podia mostrar para ninguém fazia eu me sentir viva de novo.

Uma palavra ficou na minha cabeça por mais tempo. Uma palavra em que eu não pensava desde os anos oitenta. Todos os estudos mostravam que a aids não tinha ficado nos anos oitenta. O vírus podia estar em qualquer um. O vírus podia estar circulando pelas agulhas nos braços do Luís Marcelo. Podia estar dentro do Luís Marcelo. “Já fizeste o teste?”, eu escrevi numa quinta-feira antes de ele vir para a minha casa. “Eu não preciso”, ele respondeu. Mas aquilo não saía da minha cabeça. Insisti para que ele fizesse, não custava nada, só para ter certeza. O Luís Marcelo se esquivava. “Vou contigo”, eu disse, na minha cartada final. “Daí a senhora me deixa em paz?”, ele mandou. “Prometo”, eu escrevi, e coloquei uma carinha feliz.

Dois dias depois estávamos no posto. Luís Marcelo disse que só faria o teste se eu fizesse também. Foi rápido, foi até rápido demais. Quando a psicóloga sentou para conversar comigo, eu tinha certeza de que iríamos falar do Luís Marcelo. A gente ficou alguns minutos enroladas no mal-entendido até ela me dizer com todas as letras que era o meu teste que tinha dado positivo. Eu fiquei tão nervosa que precisaram chamar o Luís Marcelo para me acalmar. Só podia ser um erro, eu não tinha nada, não fazia nada, não usava nada, estava casada desde sempre. Casada a vida inteira. Só conhecia o meu marido, cheguei a dizer para a psicóloga. Só o meu marido.



Mas a senhora_?

O Luís Marcelo me levou para casa. Precisei de ajuda para caminhar porque as minhas pernas a cada tanto começavam a tremer. Por mais que eu tivesse estudado e soubesse que o estigma e a discriminação deveriam ter ficado nos anos oitenta, quando aconteceu comigo o medo me fez perder a clareza. Ele me levou até o sofá, me acomodou

entre o apoio de braço e uma almofada e me trouxe uma xícara de chá.

Tomo goles lentos.

Sinto o calor na garganta.

Mas_?

O Afonso está na rua. Eu não o conheço mais. Talvez eu não queira conhecê-lo mais. O Luís Marcelo continua de pé. O corpo dele na frente da televisão parece estar lá dentro, como se participasse de um dos nossos programas. É a nova temporada de “Eu não sabia que estava grávida”, a estreia de “Eu não sabia que tinha hiv”, o final de “Eu não sabia quem era meu neto”. Tudo mudou por causa de um programa de tevê. Minhas pernas ainda tremem.

Luís Marcelo senta-se ao meu lado repetindo “vai ficar tudo bem, a gente vai cuidar de ti”.

Olho para ele, um menino. A primeira pessoa que quis cuidar de mim.



– Quem é a gente? – pergunto.

– Eu e tu.

Pela primeira vez naquele dia, sorrio. Me soa incrivelmente inovadora a ideia de cuidar de mim mesma. Autoconhecimento, liberdade,

curiosidade: seria possível resgatar essas palavras do esquecimento?

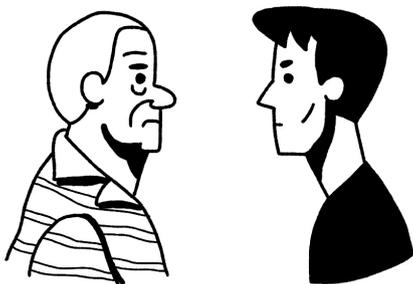
Lúis Marcelo está calmo. As palavras dele ressoam as que eu tinha lido nas minhas pesquisas:

– Há muita vida para as pessoas que vivem com hiv. Não é o fim do mundo.

Ouvimos o barulho da porta. A última coisa que eu quero é ver o Afonso.

Lúis Marcelo aperta a minha mão: “pode ser o começo de um mundo”, sussurra.

Afonso entra em casa do jeito dele de sempre, mas paralisa de pé quando vê o sofá ocupado. Geralmente o caminho estaria livre para que ele se sentasse e trocasse o canal, mas Lúis Marcelo e eu não nos movemos.



– A gente acabou de chegar do posto de saúde – diz o Lúis Marcelo.

– Tuas porcaria de novo? – o Afonso arrasta a língua.

Lúis Marcelo se levanta. Aproxima-se do avô como quem olha alguém de igual para igual. Os dois começam a falar ao mesmo tempo, eu não consigo diferenciar muito os sons. Vou afastando minha mente daquela cena, como se ela ocorresse longe, ou dentro de um

aquário que eu observo de fora. As palavras se misturam, enquanto Luís Marcelo diz exame, tratamento, começar o quanto antes, Afonso responde inútil, imunda, culpa, mas tudo me chega abafado, como se viesse debaixo d'água. Analiso bem o rosto raivoso do Afonso. Faz tanto tempo que eu não me interessava por ele, será que escondidos naqueles gritos também há medo? Quase sinto pena do Afonso, um velho sozinho.

Mas a senhora_?

Me levanto devagar, ainda com a xícara de chá na mão, ainda olhando para os dois homens imersos em gritos sussurrados. Estendo o braço no ar, segurando a asa da xícara entre o polegar e o indicador. Porcelana fina, parte do meu enxoval, desenho de arabescos, moderno para cinquenta anos atrás. Olho para o meu querido neto, depois para o meu triste marido.

Abro os dedos.

O barulho da xícara que se espatifa no chão faz com que os dois se caíem. Tomo a palavra:

– Essa conversa acaba aqui.

Vejo a boca do Afonso murchar e, após um momento de incompreensão, ele vai para o quarto cambaleando enquanto resmunga coisas que já não escutamos.

Foi assim.

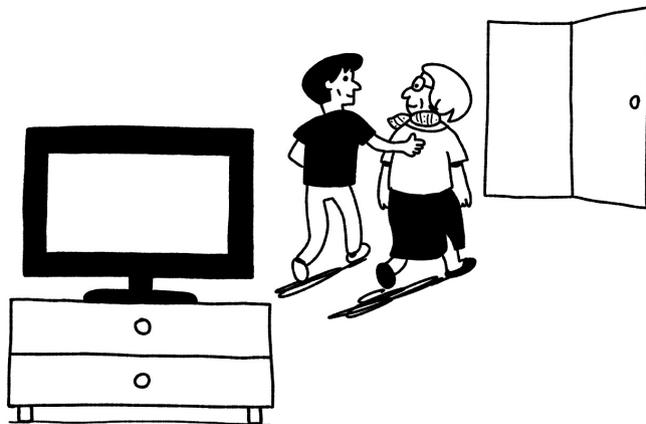
Tudo mudou por causa de um programa de tevê.

– Meu apartamento tem dois quartos – diz o Luís Marcelo enquanto dá um passo na minha direção.

Um programa de tevê. Preciso avisar meu filho para que venha tomar conta do seu pai. Olho na direção da porta. Autoconhecimento, liberdade, curiosidade: o que será a vida fora desta casa?

Ouço a voz do Luís Marcelo, cristalina e cuidadosa.

– Vem comigo?



FANTASMAS

Glúcia tinha ficado surpresa com a reação de Lauro ao telefone. Quando começou a dizer a ele que estava entrando em contato por uma questão de saúde, ele ficou calado. Ela aproveitou o silêncio para desabafar tudo de uma vez. “Fiz uns exames”, ela disse, “e descobriram que eu tenho hiv. Disseram que eu devia falar com você”. Ele manteve a calma e perguntou se ela gostaria de ir à casa dele para conversarem ao vivo. Glúcia ficou apreensiva. Disse que talvez fosse melhor ele fazer o teste antes. Ele aceitou.

Quando Glúcia recebera o resultado no consultório, a doutora perguntou se ela sabia quem a tinha infectado. A cabeça de Glúcia de súbito viajou no tempo, retrazendo o passado em imagens um pouco borradas. “Você devia conversar com os seus atuais e ex-parceiros”, a doutora falou, e Glúcia sentiu mais medo disso do que do recente diagnóstico. A pergunta da doutora ecoava: “sabe quem te infectou?”

e ganhava novos contornos na confusão mental de Gláucia. E se ela que tinha infectado?



Duas semanas depois, Lauro telefonou para dizer que gostaria de vê-la mesmo antes de receber o resultado dele. Combinaram o encontro, embora Gláucia seguisse receosa, mas tinha vontade de revê-lo. À frente do apartamento, agora havia um capacho. Ela chegou a procurar pela chave na bolsa, pela força do hábito, durante os dois ou três segundos em que tardou para lembrar-se de que já fazia mais de ano que não morava ali.

Tocou a campainha.

Lauro abriu imediatamente.

— O porteiro avisou que tu tava subindo. Acho que ele ficou feliz de te ver.

Ela não conseguiu responder. Olhavam-se. Ambos notaram que estavam assustados. Ele baixou o rosto, como se procurasse alguma coisa no capacho.

— Tu deve estar se perguntando como isso aconteceu.

Gláucia não entendeu.

— Eu achei que você estava imaginando como isso aconteceu.

Os dois se encararam, antes de dizerem ao mesmo tempo:

— Tu...?

— Você...?

Bastou para que se desarmassem.

— Entra — ele disse abrindo caminho com o braço.



Sentaram-se frente a frente, ela na poltrona de couro, ele bem no centro do sofá. Ela foi a primeira a tomar coragem:

— Quer dizer que você também... — rodopiou a mão no ar enquanto procurava as palavras — também esteve com outra pessoa.

Ele mordeu os lábios.

— Quer um suco?

— Quê?

— Um suco. Eu aprendi a fazer um suco verde.

— Verde? — Ela se espantou. — Quem te viu, quem te vê.

Ele se levantou e foi até a cozinha, separada da sala por um balcão.

— Não cria muita expectativa. Eu recém aprendi. Pensei que mal não ia fazer se eu cuidasse um pouco mais da minha saúde.

— Você tá com uma cara boa.

— Comecei a fazer exercício também. Pensei em voltar pra academia — ele falava enquanto colocava coisas dentro do liquidificador.

— Tu sempre odiou academia.

— Pois é, por isso tô tentando o tai chi chuan. Comecei dia sim, dia não.

Ela se levantou e apoiou os cotovelos sobre o balcão. Ele entregou para ela um copo cheio até a borda.

— Experimenta.

— Mal te reconheço. Suco verde, tai chi, só falta dizer que virou vegetariano.

Ele retomou seu lugar no sofá. Ela sentou sobre o braço da poltrona.

— Você não me respondeu — ela insistiu.

— Eu sei. Acho que fiquei com vergonha — Lauro tomou um gole de suco. — Foi em 2010, não foi nada sério. Não quero que tu pense que eu fiquei te enganando. Foi só um... um desvio de percurso.

Ela olhou para cima, franzindo a testa, e Lauro percebeu que ela tinha uma nova ruga acima do nariz. Era charmosa. Então ela de súbito aliviou a tensão do rosto e olhou para ele, tranquila:

— O ano que o meu irmão morreu. Aquele foi mesmo um ano difícil. Nossa, eu fiquei arrasada. Parei de te dar atenção, né?

— Não, Gláucia, não foi isso. É estranho dizer assim, mas não teve nada a ver contigo. Na verdade, foi até antes do teu irmão morrer. Eu só tava mal, sei lá, tava me sentindo um merda.

— Você? Nunca vi você ficar abatido.

— Eu não queria que tu notasse. É ridículo, hoje eu sei, mas quando tu conseguiu aquela baita promoção na empresa, lembra? Quando te deram aquele cargo fodão.

— Lembro, lógico. Aquilo depois virou um martírio, cruzeis.

— É, mas na época foi uma puta promoção, e eu te vi subindo na vida, fazendo sucesso, como tu merecia, aliás, mas eu comecei a me sentir um inútil. A escola tinha reduzido meus horários, o cursinho me mandou embora, eu tava indo pro fundo do poço. E aí, sei lá, acho que foi uma válvula de escape. Desculpe, Gláucia.

Ela escorregou do braço da poltrona para o assento. Tirou os sapatos e subiu os pés para cima da poltrona, abraçando os joelhos. As meias dela tinham desenhos de fantasmínhas.

— Não precisa se desculpar. Acho que eu nem me dei conta na época que você foi demitido. Pra você ver como a minha cabeça tava em outro lugar.

— Acontece. Tu tava correndo o tempo todo. Eu terminei tudo quando teu irmão morreu. Sei lá, me dei conta que era do teu lado que eu queria ficar.

Ela sorriu.

— Você segurou a maior barra. Até minha mãe ligava pra você pra desabafar. A minha família toda, Lauro, todo mundo sabia que podia contar com você.

Por alguns momentos, estiveram quietos. Não se olhavam. Ela fazia desenhos no suor do copo gelado. Ele suspirou.

— Mas e tu? Eu nunca imaginei que tu...

Ela se remexeu na poltrona como se voltasse ao momento presente.

— Também foi curto. Era 2015. Você tinha viajado pro sul, pra cuidar do seu pai, lembra? Depois do derrame.



— Claro... Eu disse que ia ficar fora uma semana, né? E acabei ficando três meses... Pensando agora até me surpreende tu não ter pedido o divórcio — ele ensaiou a primeira risada da noite.

Mas ela continuou séria. Percebeu como ele ainda abotoava a camisa até o colarinho. Tinha ficado mais grisalho. Elegante.

— Desculpe, Lauro. — Os lábios dela tremelicavam de leve. — Eu deixei você na mão. Poxa, olha aí, você aguentou minha família toda quando a gente perdeu meu irmão, e eu decidir ficar em São Paulo trabalhando quando seu pai ficou doente.

— Tudo bem, Gláucia. Nem era sério. O pai tá aí até hoje, firme e forte.

— Ainda assim, nem acredito que enquanto você tava cuidando dele, eu tava...

Lauro largou o copo no chão ao lado do sofá, deu passinhos apressados até o banheiro. Voltou com um rolo de papel higiênico para ela.

— Desculpe, eu não tenho lenço de papel.

Ela assoou o nariz. Arrancou mais uns pedaços para secar a base dos olhos.

— Vai borrar todo meu rímel.

— Tu fica bonita de qualquer jeito.

Ele se acomodou de volta no sofá. Ela foi ao lixo da cozinha colocar os papeis fora. Depois se afundou de novo na poltrona, as meias de fantasma desdoando da calça de alfaiataria. O copo de suco ficou esquecido no balcão.

— Fazia tempo que eu me sentia sozinha, naquela época. Mesmo antes de você viajar. Engraçado, né? A gente morava junto há um tempão, mas às vezes parecia que eu morava sozinha.

— Eu não me lembro disso. Engraçado, mesmo. Pra mim, até meu pai ficar doente, aquele tava sendo um ano bom.



— Acho que você tinha começado o seu grupo de pesquisa.

— Foi? Ah, é. Acho que foi.

Calaram-se mais uma vez.

— É bom te ver — ele disse.

— Eu tava nervosa de vir aqui. Achei que você ia brigar comigo.

— Te entendo. Eu tava pronto pra ser assassinado.

— Lauro!

— Não me olha com essa cara — ele disse sorrindo. — Eu sei como tu é quando fica braba.

— Você continua igual. Ainda tem uma coisa que eu queria perguntar. Você avisou ela?

Ele negou com a cabeça.

— Ela morreu. Faz uns cinco anos.

— Nossa. Mas ela morreu de...

— Acidente. Parece que entrou muito rápido numa curva.

— Numa curva... Como era o nome daquela peça de teatro que você adorava? Bailei na curva.

— Isso. Te fiz ver umas quantas vezes, né?

— Eu gostava.

— E tu, Gláucia, tu avisou o... o teu... tu avisou do exame?

— Avisei.

— E como foi?

— Ele me bloqueou em todos os aplicativos, então acho que posso dizer que não foi muito bom.

— Talvez daqui a pouco ele repense. Tu fez a tua parte.

— Lauro, não sei eu devia dizer, mas você conhece ele.

— É meu amigo?

— Acho que tava mais pra seu rival. É o Antônio.

Lauro teve um sobressalto, quase deixou o copo escorregar das mãos. Sentou na beirinha na sofá:

— Logo o Antônio?!

— Acho que eu não devia ter falado.

— Mas Gláucia, ele chutava minhas canelas em todos os jogos, Gláucia, todos, na maldade!

— Lauro...

— Pelo amor de deus, Gláucia, em 2015 ele já era careca.

— Lauro...

— Ele mandava corrente por e-mail, Gláucia, em pleno 2015. Um sujeito que falava “perfeitamente” em vez de falar “sim”. Um cara que defendeu o pato da Fiesp, pelo amor de deus, Gláucia, ele carregava as chuteiras numa mala de couro, Gláucia.

A essa altura ela não respondia nada porque percebeu que Lauro já nem tentava mais esconder o sorriso de deboche que ela conhecia havia tantos anos. Ela também conteve o riso, enquanto ele seguia no seu discurso teatral.

— Eu esperava mais de ti, Gláucia. Podia ter tido um caso com o Roberto, sei lá, o Roberto era boa pinta, jovem. Mas o Antônio, Gláucia, tinha mais barriga que eu. E a gente usava o mesmo vestuário, tu sabe... Poxa, Gláucia, tu merecia alguém melhor que o Antônio. Eu sei do que tô falando, eu vi ele pelado.

— Lauro!

Riram como nos velhos tempos. Ele foi o primeiro a ficar sério de novo:

— Parece que tudo que a gente fez perdeu a importância agora, né?

— Não tudo. A parte boa ainda importa.



Lauro ficou pensativo. A serenidade do rosto foi se transformando em tristeza. Uma lágrima desenhou uma linha suave pela sua bochecha.

— Bah, Gláucia. A verdade é que tu não merecia alguém melhor que o Antônio, tu merecia alguém melhor que eu.

— Não fala assim. Eu não trocaria nossos anos de casamento por nada.

— Nem eu. Quer sentar aqui do meu lado?

Ela se mudou para o sofá.

— Gláucia, se a gente não trocaria nosso casamento por nada, por que foi que a gente trocou?



- Já não me lembro. Cada um tinha seus planos, essas coisas.
- Caminhos diferentes...
- É mesmo assim a gente se reencontrou aqui. Engraçado, né?
- Eu sempre amei o teu jeito de ver graça em tudo, Gláucia.
- Eu sempre amei o teu jeito engraçado.
- Eu sempre amei as tuas meias ridículas.
- Preciso confessar uma coisa, Lauro.
- Mais uma?
- Eu odiei seu suco verde.
- Ele sorriu. Beijou a mão dela.
- Eu também.



JULIA DANTAS



Julia Dantas nasceu e vive em Porto Alegre. É escritora, tradutora, doutora em Escrita Criativa e sócia-fundadora da Baubo. Seu romance de estreia, “Ruína y leveza”, foi finalista do prêmio Açorianos e do Prêmio São Paulo de Literatura. Em 2020, ela foi co-organizadora da antologia “Fake Fiction: contos sobre um Brasil onde tudo pode ser verdade”, que aborda a atual situação política do país, e publicou o folhetim “Pássaros da cidade” na revista Parêntese. Julia escreve quinzenalmente no jornal Zero Hora e mensalmente no jornal Rascunho e agora prepara seu segundo romance a ser publicado pela DBA Editora.

PABLITO AGUIAR



Pablito é quadrinista. Vive e trabalha em Alvorada, no Rio Grande do Sul. Desde 2015 escuta histórias de pessoas e as transforma em quadrinhos. Em 2016 publicou o livro “Alvorada em Quadrinhos”, que reúne histórias de 23 moradores da sua cidade natal. Em 2017 ganhou o prêmio de melhor quadrinho do ano no Salão Internacional de Desenho para a Imprensa, com a história da recicladora Rita. Seu trabalho de entrevistas já foi matéria no Fantástico. Pablito escreve quinzenalmente para a revista Parêntese, na série “Fala que eu Desenho” e está finalizando o seu segundo livro.

CRÉDITOS

Esse livro faz parte do material didático do curso “MOOC Zero Discriminação hiv e aids”. As histórias foram escritas por Julia Dantas e ilustradas por Pablito Aguiar. Os temas e conteúdos foram sugeridos pela coordenação e equipe com base em situações ficcionais e inspiradas em histórias modificadas para atender o propósito educativo a que se destina.

O curso “MOOC Zero Discriminação - hiv e aids” foi desenvolvido a partir da parceria interinstitucional entre a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), o Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), por meio do grupo de pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) “Saúde, Ambiente e Desenvolvimento”, a Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO), por meio do Grupo Temático de Saúde LGBTI+ e a UNAIDS Brasil.

Foi concebido, produzido e desenvolvido entre dezembro de 2020 e setembro de 2021, durante a pandemia da Covid-19 e presta homenagem às vidas que se foram nesse período.

Acesse onde estiver e quando desejar o curso aberto, online, gratuito e com certificação na Plataforma Lumina da UFRGS:

www.lumina.ufrgs.br

CONCEPÇÃO, DESENVOLVIMENTO E COORDENAÇÃO GERAL

Prof. Dr. Daniel Canavese de Oliveira

Departamento de Saúde Coletiva - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Associação Brasileira de Saúde Coletiva - GT Saúde LGBTI+

Grupo CNPq Saúde, Ambiente e Desenvolvimento - www.sad.eco.br
daniel.canavese@gmail.com

Prof. Dr. Maurício Polidoro

Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS)

Associação Brasileira de Saúde Coletiva - GT Saúde LGBTI+ e GT Saúde e Ambiente

Grupo CNPq Saúde, Ambiente e Desenvolvimento - www.sad.eco.br
mauricio.polidoro@gmail.com

ESCRITORA DOS CONTOS

Julia Dantas

ILUSTRAÇÕES E DIAGRAMAÇÃO

Pablito Aguiar

DESIGN E IDENTIDADE VISUAL

Douglas Aguiar

APOIO DE CONTEÚDO

Bruna Ghiorzi

Daniel Canavese de Oliveira

Maurício Polidoro

EQUIPE UNAIDS BRASIL

Ariadne Ribeiro

Bruno Kauss

Carolina Parisotto

Claudia Velasquez

Daniela Dantas

Eliana Chavarría

Júlia Desvignes

Leonardo Moura da Silva

Pedro Barbabela

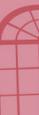
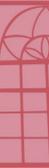
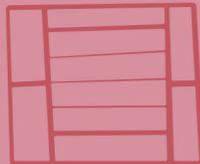
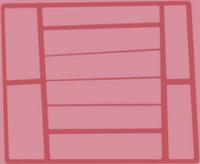
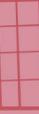
Renato Guimarães

Stephanie Pinheiro

Thainá Kedzierski

Thaís Urias Senra Michel





Zero discriminação: contos sobre HIV e Aids são cinco contos, mas desde as primeiras linhas o leitor já percebe que se trata de muito mais que cinco histórias. São narrativas que testemunham encontros e desencontros que ocorrem dentro e fora da obra: dentro, porque os contos falam de enlaces e desenlaces, e fora, porque os efeitos da leitura extrapolam os limites da ficção, já que somos colocados na condição de testemunhas de um cotidiano que nos espreita direta ou indiretamente.

No fio das tramas narradas por Julia Dantas, somos colocados de frente com personagens que facilmente poderiam estar encarnados em nossos familiares, conhecidos ou amigos. E na verdade eles lá estão, ainda que silenciosamente. Se não na condição de portadores de HIV e Aids, eles e elas estão refletidos no viés do preconceito que está retratado nas tantas tramas que, não raras vezes, rondam nosso cotidiano.

O que percebemos, então, é o texto literário fazendo o real da vida ser atravessado pela força narrativa da ficção. Como tão bem resume Joana, a personagem de um os contos, “ninguém na vida nos ensina a esperar”. Mas Julia Dantas consegue transformar o peso de um diagnóstico que flerta com condenação e morte em leveza; leveza que, mesmo não ignorando a dor e a crueza que acompanham o sofrimento humano, nos faz lembrar que é de histórias que somos todos constituídos.

E as tramas são tão emocionantes que extrapolam o livro. São tramas que ligam a escrita de Julia Dantas à força expressiva do traço de Pablo Aguiar, tudo orquestrado pela generosidade de Daniel Canavese e sua equipe que, em um laço de trabalho e afeto, se propuseram a compartilhar os efeitos deste e de tantos outros encontros. Tudo isso só confirma a força de Zero discriminação: um livro que registra o testemunho de histórias de vida em que o preconceito é pautado sem rodeios, mas que antes de tudo sublinha que é nos enlaces de afeto, escuta e respeito que o percurso de nossas vidas encontra sentido.

Profa. Dra. Luiza Milano
UFRGS

